

DIÓGENES DE SINOPE E O PENSAMENTO RELIGIOSO

DIOGENES OF SINOPE AND THE THOUGHT RELIGIOUS

Rafael Parente Ferreira Dias¹

rafael.dias@uerr.edu.br

Resumo: Este artigo pretende apresentar a crítica de Diógenes de Sinope em face aos costumes religiosos. A partir dessa perspectiva é possível retirar importantes lições de filosofia, sobretudo no campo da moralidade. A religião tornou-se um subproduto do Estado, subordinado a ele, perdendo qualquer interesse pela verdade. Conforme a visão cínica, os mitos e ritos gregos seriam insuficientes para tornar o homem bom, somente uma vida dedicada à virtude poderia trazer os autênticos benefícios espirituais, e esta é justamente a meta do cinismo.

Palavras-chave: Religião; Moral; Diógenes.

Abstract: This article aims to present the criticism of Diogenes of Sinope in relation to Greek religious customs. From this perspective you can take in philosophy lessons, especially in the field of morality. Religion became a state by product, subordinate to him, losing any interest in the truth. As the cynical view, myths and Greek rites would be insufficient to make the good man, only a life devoted to virtue could bring the authentic spiritual benefits, and this is precisely the goal of cynicism.

Keywords: Religion; Moral; Diogenes

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Gama Filho (UGF), Rio de Janeiro – Brasil. Professor da Universidade Estadual de Roraima (UERR), Roraima – Brasil.

INTRODUÇÃO

A religião pública grega, num primeiro momento, surge através da inspiração poética de dois personagens principais: Homero e Hesíodo. Ambos professavam uma teologia mítica politeísta marcada por disputas, guerras e enigmas divinos. O fantasioso mesclava-se ao humano sem perder a sacralidade tipicamente religiosa. Por trás da variedade de nomes, formas, funções, ocultavam-se sutilezas difusas, um universo semiótico complexo, repleto de moralidade, retratando, em última síntese, traços do modo de ser de uma cultura emergente.

É na poesia e pela poesia que se exprimem e se fixam, revestindo uma forma verbal fácil de memorizar, os traços fundamentais que, acima dos particularismos de cada cidade, fundamentam para o conjunto da Hélade uma cultura comum - especialmente no que concerne às representações religiosas, quer se trate dos deuses propriamente ditos, quer dos demônios, dos heróis ou dos mortos. Se não existissem todas as obras da poesia épica, lírica, dramática, poder-se-ia falar de cultos gregos no plural, mas não de uma religião grega. Sob esse aspecto, Homero e Hesíodo exerceram um papel privilegiado, Suas narrativas sobre os seres divinos adquiriram um valor quase canônico; funcionaram como modelos de referência para os autores que vieram depois, assim como para o público que as ouviu ou leu [...] (VERNANT, 2009, p. 16)

A influência dos mitos gregos ultrapassou os limites da fé. Além de alimentar o imaginário do povo com seus contos fabulosos, exerciam uma função pedagógica e legislativa. A Religião torna-se assim um forte aliado do poder público e dele soube tirar proveito para benefício próprio.

[...] Se é cabível falar, quanto à Grécia arcaica e clássica, de "religião cívica", é porque ali o religioso está incluído no social e, reciprocamente, o social, em todos os seus níveis e na diversidade dos seus aspectos, é penetrado de ponta a ponta pelo religioso [...] Nesse tipo de religião, o indivíduo não ocupa, como tal, um lugar central. Não participa do culto por razões puramente pessoais, como criatura singular voltada para a salvação de sua alma. Exerce nele o papel que seu estatuto social lhe atribui: magistrado, cidadão, membro de uma fratria, de uma tribo ou de um demo, pai de família, matrona, jovem - rapaz ou moça - nos diversos aspectos de sua entrada na vida adulta. (VERNANT, 2009, p. 7,8).

Ora, a Religião tornou-se um subproduto da sociedade, subordinada a ela, manipulada, no mais das vezes, por escusos desejos. É justamente aí onde reside toda a crítica cínica ao pensamento religioso antigo. Para os cínicos, a finalidade dos ritos e oblações religiosas estava maculada por interesses egoístas, políticos, etc. O modo de vida cínico sobreviveu por alguns séculos com relativa indiferença às sutilezas da fé. O autêntico sentido estético da religião,

conforme a visão cínica, não pode ser adquirida pela mera crença nos deuses, senão por uma disciplinada busca pela ação virtuosa. A originalidade cínica reside no fato de que “eles não faziam absolutamente nenhuma concessão à religião tradicional” (CAZÉ-GOULET, 2007, p. 77). Sua crítica é voltada para a superficialidade e inutilidade do culto grego.

Encontramos nos cínicos um desejo ardente pela lucidez conceitual, isto é, perceber o mundo como um fluxo natural, onde todas as coisas estão em constante transformação; não há necessidade de uma multiplicidade de deuses dirigirem e estabelecerem, a priori, o destino humano, o cínico não se interessava pelas questões cosmológicas, epistemológicas e escatológicas, mas apenas pelas questões morais que poderiam conduzi-los a uma vida melhor.

CINISMO: UM HUMANISMO RELIGIOSO?

Diógenes de Sinope, o cínico por excelência, buscava uma simetria com o divino no tocante ao aspecto moral, não havia um desejo escatológico por uma vida após a morte, com manjares e belas ninfas do *Olimpo*. Os deuses representavam simplesmente paradigmas de auto-suficiência a serem seguidos.

Os deuses são os benfeitores dos homens, proporcionam um paradigma para a auto-suficiência cínica; o próprio cínico é semelhante aos deuses, amigo dos deuses, mensageiro deles, seu agente e, por ser agathos daimon (“deus tutelar”, “anjo da guarda”), ele mesmo é praticamente divino. Podemos nos lembrar também de que “Diógenes” significa “nascido de Zeus”, e de que Diógenes foi chamado como um ouranios Kyon (um cão semelhante a um deus [ou celestial]) (MOLES, 2007, p.129, 130)

Ao se referir aos deuses, Diógenes buscava o princípio de perfeição subjacente à forma, o antropomorfismo grego não encontrara eco em sua filosofia. O movimento cínico inverteu a relação tradicional entre deuses e humanos – preferiu a *divinização humana* à *humanização divina* –. À divindade não interessa o nome, o mitologema, ou qualquer aproximação com o gênero humano, na obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*² não aparece qualquer elogio aos tradicionais deuses gregos, tais como: Zeus, Apolo, Demeter, Ares etc., essa marcada tendência grega ao antropomorfismo distanciou o cinismo de qualquer aproximação com as religiões do culto grego, até mesmo às religiões dos mistérios.

² Cf. LAËRTIUS, D. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Editora UnB, 2008.

Os atenienses instavam-no a iniciar-se nos mistérios, argumentando que os iniciados conseguem lugares privilegiados no Hades; Diógenes então disse: “Seria ridículo se Agesílaos e Epamênondas morassem no lodo, enquanto certas pessoas sem o mínimo valor fossem morar nas ilhas dos bem-aventurados.” (LAËRTIOS, 2008, p.162).

O cinismo postula o exame judicioso de todo conhecimento que chega até a consciência humana. Política, Religião, Filosofia, toda forma de saber deve ser colocada em análise antes de qualquer aceitação. O saber não refletido, não indagado ou investigado racionalmente transforma-se em um estorvo intelectual, um conceito raso, com escassas bases filosóficas; tal conhecimento, recebido passivamente, possui uma marcada tendência à padronização, à inautenticidade existencial.

Dolorosa é a vida autêntica! O caminho cínico é a via da austeridade, do desvio, do questionamento radical de nossas bases existenciais. A vida cínica é dura, avançam a galopadas, porém logo atrás vem a solidão. O isolamento é o caminho que Diógenes selou para o encontro com a sua própria religiosidade, com sua própria consciência.

Difícil é auscultar a si mesmo quando estamos rodeados de gente, os ruídos exteriores parecem bloquear os ouvidos internos. Em certos momentos a fealdade humana parece tão contagiosa como um vírus, espalha-se rapidamente pelo corpo humano, trazendo confusão e abatimento ao entendimento. Deve-se esclarecer que este suposto isolamento refere-se ao rompimento com todas as convenções sociais, de forma alguma defendemos aqui que, semelhante aos yoguis da Índia, os cínicos buscariam a reclusão das montanhas e florestas. Ao contrário, como foi demonstrado acima, o movimento cínico está interessado numa transformação social, por isso mantiveram-se nas cidades. As ações pouco comuns de Diógenes já são em si mesmas uma forma pedagógica de ensinar.

Para o cínico, racional é tudo aquilo que pode nos ajudar na vida prática, o conhecimento isento de praticidade é inútil. Aceitar certas crenças mitológicas como o destino das almas, a existência do Hades, não é muito sensato dentro de uma perspectiva cínica. Diógenes buscava a vida virtuosa, esse seria o maior tesouro que o ser humano poderia conquistar, nada seria superior a isso. Ademais, “Ele ridicularizava as preces dos homens, observando que os mesmos não pedem os verdadeiros bens, e sim o que lhes parece bom”. (LAËRTIOS, 2008, p. 162, 163).

O cinismo postulava uma purificação do nosso próprio entendimento, livrando-nos de baixas paixões, de apegos mundanos cuja característica é nos afastar da felicidade. Nesse

sentido, a religião, ao invés de fomentar o aperfeiçoamento e o exame de si mesmo, tornou-se, desditosamente, celeiro de dogmas imaginários, revestido pela dura couraça do medo e do egoísmo. Ao invés da busca pela virtude, os homens anelavam favores divinos egoístas, passionais, materiais, de modo que os autênticos valores da alma eram negligenciados.

Uma vez distanciados dos apegos da vida mundana, pode o homem entender o que é a verdadeira liberdade de espírito e assim desfrutar uma nova experiência filosófica, retirando dos deuses a causa de nossos triunfos ou infortúnios e delegá-los ao homem. Realmente esta tarefa de colocar sob os ombros humanos a responsabilidade por seus atos, de agir de forma mais perfeita possível, buscando as virtudes e desapegando-se dos bens materiais, foi uma contribuição marcante deixada por Diógenes.

O verdadeiro filósofo é um homem iluminado e lúcido que, por natureza ou sorte e especialmente, pelo exercício disciplinado, logrou ver através da aparência das coisas e dos enganos do mundo e atingiu um estágio de desenvolvimento intelectual e espiritual conhecido entre os cínicos como (*atyphía*), entendida como clareza de pensamento ou lucidez (NAVIA, 2009, p. 196).

Outro aspecto interessante com relação à influência da religião sobre o pensamento de Diógenes é a submissão do humano à vontade divina. Diógenes, de acordo com tradição grega, teria recebido uma missão oriunda dos deuses:

Qualquer que seja o fundamento histórico que possa haver na narrativa do Oráculo de Delfos a propósito de Diógenes (o qual o mandou adular e dilapidar as crenças e convenções humanas), o mínimo que se pode dizer é que ela procura atribuir uma missão espiritual ou divina, sempre de modo semelhante ao da missão que repetidas vezes reclamou Sócrates para si. (NAVIA, 2009, p. 92,93).

A missão de Diógenes foi fazer da filosofia uma regra de vida, uma opção existencial pelo desapego, auto-suficiência, autodomínio, etc. Num número significativo de seus escritos, os cínicos apresentam os animais como exemplos de simplicidade e auto-suficiência, de fato esses seres têm muito poucas necessidades e oferecem os melhores exemplos de vida coletiva e harmônica.

A vida animal é exaltada porque nela não encontramos qualquer ordenamento racional, não existe moralidade, leis ou política, ainda sim conseguem viver harmoniosamente, como é o caso, por exemplo, das formigas. Mesmo não dispondo de qualquer amparo intelectual, esses pequenos animais conseguem trabalhar harmoniosamente em equipe, o sentido de cooperação

entre eles é algo instintivo, natural. Esse distanciamento de padrões éticos, religiosos e políticos transformam os animais em seres exemplares. Ora, muitos homens, incapazes de seguirem suas próprias naturezas, apoiam-se no rigor dos deuses ou na força imperiosa de alguma Lei pública.

A meta do cinismo é fazer o homem seguir a sua própria natureza, sem que para isso necessite de qualquer amparo exterior (lei religiosa ou pública). Atos moldados por regras fixas condicionam o movimento da consciência, tornando-a mecânica, repetitiva, preguiçosa. O ajustamento a normas escritas retira do indivíduo a liberdade de expressão, confinando-o aos duros limites convencionais, os quais não possuem qualquer comprometimento com a autenticidade individual, ao contrário, às convenções interessa a reprodução em série, a cega obediência; o pensamento crítico, o exame judicioso do sistema, não é do interesse público, mas apenas a manipulação.

No pensamento de Diógenes há um dualismo entre natureza (*physis*) e lei (*nomos*). A Religião inclinou-se ao poder do *nomos*, isto é, às regras humanas, esquecendo-se da via natural, perdendo assim a autenticidade e a soberania que deveriam possuir. Assim deflagrada, a religião torna-se mais um juguete nas mãos do sistema convencional. Os ritos sagrados seguiam tendências humanas, desejos e apegos pessoais. A religião grega, ao invés de postular uma autêntica experiência de fé com o sagrado, condicionava a consciência dos fieis baseando-se em leis e regras próprias, forjadas por mãos humanas.

Diógenes procurava mostrar como a religião popular e suas práticas derivam de *nomos* e não de *physis*. Essas práticas, inscritas na estrutura do costume e da convenção em todas as suas formas, domésticas, social ou política, foram sempre um alvo favorito dos cínicos, e tais práticas eles opunham a *physis*, ou seja, a natureza. (CAZÉ-GOULET, 2007, p. 73).

Não podemos dizer que Diógenes era ateu, na verdade, ele professava outro tipo de religiosidade, avesso às crenças fantasiosas, mas firme no propósito de imitar o caráter excelentíssimo das divindades. De fato, o problema real da religião grega era o próprio homem, com suas tendências passionais. Graças às desditosas intervenções do *nomos* no culto religioso, a natureza essencial da divindade infelizmente foi perdida. A crítica contundente dos cínicos está alicerçada no fato de que as divindades se afastam do homem por causa dos próprios homens. “Diógenes proclamava frequentemente que os deuses haviam concedido aos homens meios fáceis de vida, porém os homens perderam de vista esse benefício, pois necessitam de bolos de

mel, de unguentos, e de coisas semelhantes”. (LAËRTIOS, 2008, p. 163). Analisando a obra de Diógenes Laértios (2008), percebemos as constantes analogias que Diógenes, o cínico, fazia entre os homens virtuosos e as divindades, bem como a necessidade de conciliação entre os exercícios do corpo e da alma.

Parece haver um verdadeiro teísmo por parte destes filósofos, a existência de deus não era questionada por eles. Na verdade, a crítica estava dirigida ao modo mítico e fantasioso pelo qual os atenienses se acostumaram a cultuar suas divindades, sobretudo quando delegavam aos deuses os vícios humanos. Ora, o movimento cínico criticou duramente as ações viciosas e egoístas dos homens, evidentemente tais ações não poderiam integrar o caráter excelentíssimo de um deus; para os cínicos, qualquer tentativa de moldar os deuses com os hábitos humanos seria imprudente, insensato. Talvez, se os sacerdotes gregos fossem inclinados aos ditames da *physis*, ao compromisso moral, à liberdade de expressão e à abertura ao questionamento, possivelmente teríamos uma religião pública mais justa com os deuses, menos dogmática e fantasiosa, de modo que possivelmente não sofreriam tantas críticas.

Pode-se dizer que a proposta de Diógenes era extrair dos deuses somente o que ajudaria o homem a possuir uma vida melhor, mais feliz. “O seu raciocínio foi mais moral do que religioso: é uma condição dos deuses não precisar de nada, e a dos que são mais parecidos com eles precisar de muito pouco” (LAERTIOS, 1972 apud CAZÉ-GOULET, 2007, p.73). Por isso, não nutria nenhum interesse pela metafísica divina devido ao seu distanciamento das questões essenciais da vida humana, vemos novamente a influência do espírito socrático de ter uma vida com poucas necessidades atuar na história do cinismo.

A CRÍTICA POLÍTICA E O ESPÍRITO DE SERVIÇO CÍNICO

É difícil encontrar um segmento social que não foi criticado pelo rigoroso espírito cínico. Entretanto, não podemos pensar o cinismo como um grupo de indivíduos descontentes com a realidade social, que busca fazer uma revolução armada contra o sistema, eles não são uma ameaça violenta, sua própria filosofia os priva desta ambição, na medida em que buscavam uma vida devotada à natureza (*physis*) cuja liberdade, leveza e ausência de coerção não se adéquam às ambições políticas. Ambicionar cargos públicos com vistas a melhorar a condição social não é

uma tese muito apropriada para a compreensão do olhar cínico, melhor seria compreendê-los a partir de uma visão filosófica, um movimento crítico-social absolutamente pacífico.

Parece que Diógenes entendeu perfeitamente todo movimento social, cultural e político que estava afetando toda Grécia. Dentro da concepção política, Diógenes introduz a ideia inovadora do cosmopolitismo. Segundo Cazé e Branham é com Diógenes que esta ideia cosmopolita é efetivada. “[...] E, no entanto, Diógenes pregava o ‘cosmopolitismo’, declarando-se ‘sem cidade’ (a-polis), ‘sem casa’ (a-oikos) e ‘cidadão do universo’ (kosmopolites)” (CAZÉ-GOULET E BRANHAM, 2007, p.34,35). Diógenes respondeu à pergunta: “De onde você é”? Com a simples réplica: “Eu sou um cidadão do cosmo”. Viver de acordo com a natureza traz implicações políticas sérias, não podemos deixar de analisar os prejuízos e também os benefícios que semelhante atitude acarreta para a cidade (*Polis*); Diógenes foi o expoente máximo do cosmopolitismo, levou até as últimas conseqüências o seu ideal filosófico moral, nenhum outro cínico foi tão radical com seu modo crítico de ser, nenhum conseguiu tanta coerência, tamanho rigor entre teoria e prática.

Qual foi a estratégia utilizada por Diógenes para combater os problemas políticos de seu tempo? O seu modo de vida! O viver filosoficamente já em si mesmo um modo pedagógico de ensino. Essa era sua pacífica resistência! Novamente vemos aqui o seu caráter quase religioso. É importante salientar que nesse método filosófico havia um forte teor altruístico, humanitário. Mais do que um simples símbolo de rebeldia, Diógenes representava o amor fraternal, algo muito distinto da fria racionalidade grega – marcada tendência dos filósofos que o precederam. A especulação racional é substituída pelo serviço altruístico. Inquestionavelmente, o movimento cínico inaugura a forma mais austera e desprendida do filosofar ocidental, algo totalmente distinto dos padrões intelectuais da época.

Diferentemente de outros filósofos que preferiram os jogos intelectuais ao invés da prática filosófica em si, o espírito missionário dos cínicos foi o antídoto principal contra todas as formas de padronizações sociais, políticas e religiosas. É como se Diógenes dissesse: “Venham! Vocês não precisam ser cidadãos subordinados à *polis*, podemos aproveitar este novo caos político para recuperar nossa verdadeira identidade perdida”. A seguir, apresentamos uma citação que esclarece bem a proposta missionária e altruística do movimento cínico.

O cinismo apresenta-se como uma filosofia missionária. Por seu comportamento caracteristicamente exibicionista, o cínico oferece aos outros seres humanos um modelo

para imitar ou uma demonstração da falsidade dos valores deles. Em inúmeras histórias e descrições literárias, vemos o cínico tentando energeticamente converter outros seres humanos (sejam um ou dois indivíduos, sejam grandes multidões em cidades) à vida de virtude cínica, ele é com frequência seguido por alunos. (MOLES, 2007, p.130)

Os rapsodos da Grécia Antiga, devotadamente, perambulavam pelas cidades cantando a glória dos deuses e heróis, alertando ao povo sobre a ira de Zeus e as formas de apaziguá-lo. Analogamente, o movimento cínico, indiferente às críticas sociais, lançou-se às ruas atenienses com a mesma devoção dos poetas, porém ao invés de elogio aos deuses encontramos exortações à *Parrhesia* (liberdade de palavra), à vida pia e sem extravagância.

O cinismo é um modo de ser, uma maneira declaradamente crítica dos padrões estabelecidos. O espírito missionário de Diógenes, por exemplo, apresenta uma filosofia quase devocional. A luta contra as convenções é tão ardentemente professada quanto a luta contra o pecado – numa abordagem cristã. Ora, o engajamento de Diógenes em viver uma vida devotada a uma causa maior pode ser comparada com os poetas errantes ou até mesmo aos primeiros santos da era cristã.

“Como *Kosmopolites* (“cidadão do cosmos”), ele reconhece o seu parentesco potencial com os outros e tem, portanto, uma certa obrigação de ajudá-los” (MOLES, 2007, p.135). Esta ideia pode parecer paradoxal num primeiro momento, uma vez que também podemos perceber certo grau de desprezo em algumas citações cínicas. O abismo criado entre o sábio cínico e a massa ignorante é um elemento que pode, à primeira vista, dificultar nossa aceitação do espírito altruísta de Diógenes. Por diversas vezes Diógenes e outros cínicos trataram seus semelhantes com ironia, sarcasmo, e por vezes até com desrespeito. Para combater estes questionamentos que invariavelmente tomariam conta de nosso entendimento, utilizaremos o posicionamento de Luis Navia (2009) que colocam todas as duras críticas sociais e políticas dos cínicos como um artifício didático e não como uma intempérie do espírito cínico.

Outro ponto que podemos mencionar para corroborar as afirmações acima é: Por que Diógenes filosofou na *Polis*, principal alvo de suas críticas? Ora, se as cidades são tão malévolas, por que não fugir delas? Ora, se não quisesse ser incomodado e se, como ele mesmo dizia, os presentes da natureza supriam suas necessidades, por que então não viveu na floresta, como um errante, totalmente desligado da sociedade? A resposta para estas interrogações está justamente no caráter serviçal e altruístico da filosofia cínica. Quando Diógenes se declara *Kosmopolites*,

cidadão do cosmos está afirmando seu compromisso inequívoco com toda natureza – todos fazem parte de um só mundo, de uma só família –.

[...] O seu amor missionário pelas pessoas, sua filantropia, manifestava-se em todas as suas atividades, especialmente naquelas em que eles curavam os outros por meio de ações chocantes e expressões ofensivas, as quais eram a manifestação da retórica de Diógenes e se assemelhavam à medicina dolorosa que uma pessoa sofrendo de febre tifóide tem de receber. (CAZÉ-GOULET, 2007, p.67)

Os comentadores do cinismo, de um modo geral, concordam que existia no cinismo uma inspiração missionária, o objetivo cínico não era o de criticar o indivíduo, mas as condições de vida a que estavam submetidos, e sua cega adesão aos aspectos negativos da *Polis*.

A despeito de seu desdém pelas pessoas, ou melhor, por seu estilo de vida, Diógenes parece ter sido movido por um espírito missionário que o compelia a comunicar sua mensagem às massas de um jeito que pudesse ser por elas compreendido. Por isso ele escolheu dirigir-se-lhes em sua própria linguagem, a do corpo, com toda a rusticidade e vulgaridade que lhe assegurassem que elas lhe prestariam a atenção [...] (NAVIA, 2009, pag. 96).

Semelhante a um humilde professor, Diógenes oferecia uma alternativa não contemplada pelas massas, uma nova visão da realidade, de modo que cada qual pudesse, através de um acurado exame de si mesmo, escolher um novo caminho filosófico.

[...] Ele é um “professor” (didaskalos) porque é a aplicação proveitosa da doutrina cínica que cria a ponte sobre o oceano existente entre os dois grupos. Se não é assim, para que serve o ensinamento cínico? Ele é um Kataskopos (“espião”, “inspetor”) porque é ele quem busca a verdade e a traz aos homens. Ele é um mediador (diallaktes) [...] porque reconcilia homens e deuses. Ele é um agathos daimon (um “anjo da guarda”) porque é o mediador entre os homens e os deuses. (MOLES, 2007, p.132)

Eis aqui o essencial de toda “religiosidade”! Reconciliar o homem e a divindade! Nada há de mais espiritual. Encerra-se aqui a compreensão cínica sobre religiosidade. Religião para o cinismo não são os rituais ou adorações sacras, mas um compromisso interior com a verdade. Certamente, o buscador da verdade, não importando a qual deus está subordinado, estará mais próximo das divindades do que os sacerdotes em seus rituais. O sério buscador é aquele que se lança na direção da verdade, sem conceitos pré-estabelecidos, dogmas ou repressões intelectuais, busca construir por si mesmo a sua própria verdade. Portanto, o movimento cínico “representa

um compromisso com a melhoria intelectual, física e espiritual da condição humana, o que é, em última instância, o significado de sua filantropia” (NAVIA, 2009, p. 196).

CONCLUSÃO

Transformar o homem em um ser divino! Proposta audaciosa? Sim, mas não para Diógenes. Seus ensinamentos vão além do intelecto, conseguem alcançar as mais profundas inquietudes humanas, e ao invés de nos proporcionar soluções prontas, nos fazem um convite: O domínio de si! Este é o convite, o maior de todos, reservado como uma pérola preciosa somente para aqueles que sentiram uma inebriante aspiração, um anelo inequívoco pela verdade. Se estes são os sentimentos de um homem ao se deparar com estas elevadas filosofias, significa que o convite foi aceito. Deparar-se com tais conhecimentos pode, primeiramente, assustar-nos, contudo, se examinarmos deliberadamente nossos conceitos, e sentirmos no fundo de nossa alma, após este exame reflexivo, um peso, um fardo moral, um desejo fervoroso para alterar nossos padrões, nossos antigos costumes, então, a porta foi aberta, e este pode ser o primeiro passo para a aceitação da filosofia cínica.

O pensamento cínico compreende o fenômeno religioso como uma limitação à liberdade, à autenticidade. Ser autêntico é não ser tolhido pelas conseqüências! A vida orientada pelas crenças expurga a lucidez, retira do gênero humano qualquer projeção à individualidade. Viver sob a égide do medo é transferir nosso livre arbítrio ao julgo alheio, é substituir a consciência livre e individual pelos dogmas da Religião. Como conciliar medo e autenticidade? A partir do momento que as crenças religiosas determinam a ação humana, nenhuma liberdade poderia desabrochar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANTO-SPERBER, M. (org). **Dicionário de Ética e Filosofia Moral**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2007.

_____. *Filosofia Grega*. Paris, PUF, 1997.

CAZÉ-GOULET M. O. **Religião e os primeiros cínicos**. In: CAZÉ-GOULET & BRANHAM R. B. **Os cínicos. O movimento cínico na Antiguidade e seu legado**. São Paulo, Loyola, 2007.

CAZÉ-GOULET M. O. & BRANHAM R. B. **Os cínicos. O movimento cínico na Antiguidade e seu legado.** São Paulo, Loyola, 2007.

DIAS, R.P. **Diógenes e a filosofia cínica.** 2011. 93f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro: 2011.

_____. **O cinismo e a exaltação da filosofia prática.** *Clareira.* V. 1, N. 1 – Jan-Jul/2014. Disponível em: <http://www.revistaclareira.com.br/index.php/clareira/article/view/13/10>. Acessado em: 14/08/2016.

_____. **A importância da felicidade na filosofia cínica.** *Griot.* V. 10, n. 2, Dez/2014 Disponível em: <https://www2.ufrb.edu.br/griot/images/vol10-n2/14.pdf>. Acessado em: 14/08/2016.

DUDLEY, D. **A History of Cynicism from Diogenes to 6th century A.D.** Cambridge: University Press, 1937.

HADOT, P. **O que é a Filosofia Antiga?** São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Elogio de Sócrates.** Barcelona: Paidós Ibérica 2008.

JAEGER, W. **Paideia: a formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LAËRTIOS, D. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres.** Brasília: Editora UnB, 2008.

LONG, A. A. **A tradição socrática: Diógenes, Crates e a ética helenística.** In: CAZÉ-GOULET & BRANHAM R. B. **Os cínicos. O movimento cínico na Antiguidade e seu legado.** São Paulo, Loyola, 2007.

MOLES, J. L. **Cosmopolitismo cínico.** In: CAZÉ M. E BRANHAM R. *Os cínicos. O movimento cínico na Antiguidade e seu legado.* São Paulo, Loyola, 2007.

MONDOLFO, R. **Sócrates.** Tradução de Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo, Mestre Jou, 1980.

NAVIA, L. **Diógenes, o cínico.** São Paulo, Odysseus, 2009.

PETERS, F.E. **Termos Filosóficos Gregos.** Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.

REALE, G; DARIO, A. **História da filosofia antiga, vol. I.** São Paulo: Paulinas, 1990.

SAFATLE, V. **Cinismo e falência da crítica.** São Paulo: Boitempo, 2008.

SAYRE, F. **The Greek Cynics.** Baltimore: J. H. Furst Company, 1948.

SÊNECA. **Da tranquilidade da alma.** In: Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

VERNANT J. P. **Mito e Religião na Grécia Antiga.** São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

ZELLER, E. **Socrates and the socratic schools.** Londres: Longmans, Green & CO, 1877.